

Instituto Sedes Sapientiae

Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana

8º Ano

Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas

5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 8 – 04.05.2016

Assunto principal: Função estruturante incestuosa normal e defensiva. O Complexo de Édipo (patológico) na sua forma neurótica e psicótica.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, pp. 63-76, 79-114 e 115-128.
Análise do filme *O Exorcista* dirigido por William Friedkin.

Boa tarde a todos.

Como tenho repetido a vocês, considero a genial descoberta do Complexo de Édipo por Freud uma fixação patológica do quaternio primário. Pelo fato de os pioneiros Freud, Jung e Adler não terem feito análise, eles frequentemente confundiram o normal com o patológico. Isso aconteceu principalmente com os conceitos de defesa, na obra de Freud e de complexo, na de Jung.

Em 1892, Breuer relatou a Freud a cura do sintoma de fobia à água de Ana O., dez anos antes, pela hipnose que chamavam *talking cure* – cura pela fala e *chimney sweeping* – limpeza da chaminé. A origem do sintoma, que era o cãozinho da governanta ter bebido no copo em cima da mesa, estava reprimida e inconsciente. Após a hipnose e a conscientização da causa, o sintoma desapareceu. Este caso inaugurou a psicanálise e a descoberta da repressão. Daí em diante, não havia porque não considerar a repressão e todas as defesas relatadas depois dela, como patológicas.

Posteriormente, porém, ao descobrir o Complexo de Édipo em si mesmo e a generalizá-lo para todas as crianças devido a terem as pulsões sexuais parciais (pré-genitais), Freud as caracterizou como perverso-polimorfos que deveriam ser reprimidas e sublimadas para formar o Ego e o Superego (instância moral).

Desta maneira, a psicanálise abriu a teoria para considerar a repressão também normal. Se o perverso polimorfo devia ser reprimido e sublimado em todas

as crianças, era porque a repressão era uma defesa normal. Daí por diante todas as defesas foram consideradas patológicas e também normais, o que confundiu muito o conceito de defesa e toda a psicopatologia.

Considero que esta posição teórica revelou uma defesa do próprio Freud para não reconhecer o grau de anormalidade do seu Complexo de Édipo. Isto aconteceu, penso eu, porque Freud mencionou, mas não descreveu sua relação incestuosa com sua mãe, o que teria podido configurar o grau de patologia do seu Complexo de Édipo.

Tenho considerado, em minha obra, a defesa sempre como patológica por ser o resultado da fixação de uma função estruturante normal que passa a formar a Sombra. Nesse sentido toda fixação gera inadequação existencial, defesas, compulsão de repetição e resistência patológica. São estas características que nos permitem reconhecer a patologia, quando ela ocorre no quaternio primário normal e detectar o surgimento de deformações patológicas, inclusive aquela descoberta por Freud como Complexo de Édipo.

No quaternio primário, a existência de afeto pela mãe e antagonismo (agressividade) ao pai ou o oposto, ou dos pais para com os filhos, faz parte de qualquer relacionamento normal. Já o mito de Édipo não pode ser considerado normal. Ele é um mito com uma grande disfunção do Self familiar por ter uma defesa psicopática de tentativa de filicídio dos pais e uma defesa incestuosa e parricida de Édipo, primeiramente dentro da dimensão neurótica e, posteriormente, psicótica com automutilação (cegueira).

Somente com esse discernimento entre o normal e o patológico, podemos compreender a fixação ocorrida no quaternio primário da jovem Regan, no filme *O Exorcista*, inicialmente no dinamismo neurótico e a seguir psicopático e psicótico com a possessão patológica pelo demônio.

A persona é um arquétipo que se desenvolve com a cultura e que propicia a integração dos símbolos e arquétipos na dimensão social.

Na puberdade, junto com o amadurecimento, ativam-se os arquétipos da Anima, do Animus, da Alteridade e do Herói, que propiciam a transição dos arquétipos Matriarcal e Patriarcal, da posição passiva na infância, para a posição ativa. Trata-se da passagem da terceira para a quarta fase do desenvolvimento psicológico (segunda metanoia), na qual ocorre uma extraordinária revolução arquetípica e simbólica. A finalidade arquetípica da adolescência é exacerbar a diferenciação dos jovens dos pais dentro do Self familiar e introduzi-los no Self cultural em direção à saída do ninho parental e à construção do seu próprio lar com a vida conjugal, familiar e profissional.

Esta mudança é tão intensa, que os Arquétipos da Vida e da Morte são grandemente ativados e o simbolismo da morte dos pais e da própria criança é muito frequente. Essa morte normalmente é simbólica e assinala a transformação dos pais e dos filhos para formar a nova geração.

Acontece que a mãe de Regan não só não ajudou a filha a construir a Persona para incorporar a sexualidade e a agressividade na adolescência (segunda metanoia), como a infantilizou grandemente. A mãe negou o relacionamento amoroso com o diretor Burke e invalidou o significado amoroso do que a menina percebera durante a noite, e que provavelmente foi a relação sexual entre eles. A mãe chegou ao ponto de afirmar que ela e Burke eram apenas bons amigos, pois ela, “apesar de separada do pai de Regan, o ama e o amará sempre”. Com esse “conto da carochinha” a mãe invalidou a elaboração das funções estruturantes sexuais, ciumentas e agressivas de Regan, o que a deixou vulnerável e predisposta para formar fixações e Sombra. É claro que a figura do pai ausente no quaternio primário de Regan, deixou-a especialmente vulnerável à sexualidade e à agressividade quando essas funções eclodiram na puberdade de Regan.

No dia do aniversário de Regan, junto com a ausência de qualquer manifestação afetiva do pai que está em Roma, Regan ouve um telefonema de sua mãe para ele, no qual ela revela não só a ausência de qualquer relacionamento amoroso entre eles, como uma grande agressividade e indignação pela omissão afetiva dele com a filha, invalidando toda a montagem cor-de-rosa que havia representado para a filha para esconder a raiva do pai e a relação amorosa e erótica com Burke.

As manifestações de ruídos no sótão (*Poltergeist* significa espíritos barulhentos) vão aumentando e no dia de uma festa em sua casa, Regan tem o primeiro surto de possessão psicótica pela Sombra, representada no filme pelo demônio. Ela prevê a morte de Burke e urina no meio da sala. Após a festa, ele se atira ou é atirado por uma força demoníaca, pela janela do quarto de Regan.

Tem início a parte médica do filme com diagnósticos e exames neurológicos que buscam confirmar a hipótese de um distúrbio cerebral para explicar a conduta de Regan. Os exames são negativos e os próprios médicos chegam ao “diagnóstico” de possessão e aventam a possibilidade de um ritual de exorcismo, para grande indignação da mãe de Regan. O exame psiquiátrico é caricatural e enfraquece o filme do ponto de vista médico, principalmente, por não apresentar nenhuma abordagem psicodinâmica e reduz os sintomas radicalmente ao cérebro.

O Padre Merrin e o Padre Karras são chamados e começam o ritual católico de exorcização, cujo significado simbólico queremos aqui analisar.

O ritual do exorcismo nos permite ver as fixações e defesas das personalidades dos padres Karras e Merrin. Como em qualquer psicoterapia dinâmica, **a transferência do paciente ocorre junto com a transferência do terapeuta** que, por isso, não chamo de “contra-transferência” (vejam meu trabalho sobre o “O Conceito de Self Terapêutico e o Quatérnio Transferencial” no meu site).

As agressões do demônio são dirigidas por empatia pela Sombra de Regan à Sombra de Karras, atingindo em cheio sua fixação incestuosa com sua mãe e sua repressão sexual. Essa transferência entre Regan e Karras é aqui intensamente exacerbada, mas é habitual no Self Terapêutico, no qual a Sombra do terapeuta e do paciente se entrelaçam por projeções e introjeções cruzadas e defensivas.

Karras e Merrin cometem o erro básico de entrar em luta de poder com a Sombra (o Demônio), dentro do dinamismo patriarcal. Como sabemos, se fazemos isso com uma defesa, ela se exacerba grandemente. Por isso, o psiquiatra baiano Juliano Moreira dizia, com grande pertinência, - “Jamais contrariar o paciente!”. Ao fazerem isso, os dois padres seguem defensivamente a posição polarizada patriarcal da Inquisição que dominou a Igreja Católica durante os séculos de institucionalização do Mito Cristão. A conduta patriarcal impede o exercício do Arquétipo da Alteridade que é a essência do Mito e que leva à elaboração e integração da Sombra. Esta integração corresponde à salvação no Mito e foi impossibilitada pela atitude repressiva patriarcal na Inquisição e no ritual do exorcismo que só fazem exacerbar o Demônio (reação psicótica) dentro da sexualidade e da agressividade.

Desde o início da técnica psicanalítica, Freud ensinou que devemos acolher as defesas (Sombra) e jamais reprimi-las. A atitude repressiva dos dois padres, usando trechos bíblicos e frases religiosas repetidas como mantras repressivos só faz exacerbar a defesa e intensificar a possessão psicótica. Ao mesmo tempo, o uso defensivo do dinamismo patriarcal pelos exorcistas, para reprimir a defesa psicótica, envolve suas próprias sombras e termina por fazer com que eles também caiam na possessão, da mesma forma que a repressão religiosa na Inquisição levou à psicopatia dos inquisidores e frequentemente, também à psicose (vejam no meu site o prefácio do Martelo das Feiticeiras).

O Padre Karras é envolvido por uma defesa transferencial terrível, quando o demônio empatiza e fala com a voz de sua mãe, atacando-o e acusando-o de tê-la abandonado. Isso exacerba intensamente a culpa de Karras e o faz cair na possessão agressiva defensiva dentro da transferência defensiva. Sua morte ocorre como a de Burke, quando seu corpo cai pela janela. Fica no ar a suspeita dele ter ficado possuído

pela agressividade e de ter se atirado pela janela para não matá-la. É comum nas psicoses, o doente apresentar uma força extraordinária que normalmente não tem.

Depois da morte dos dois padres, a possessão de Regan cede e ela se apresenta aparentemente curada. A atuação maciça da Sombra de Regan se exaure após sua atuação extrema na atuação psicótica.

Uma possibilidade psicodinâmica poderia ser uma grave fixação matriarcal histérica (síndrome dissociativa), psicopática e psicótica edipiana que atua a sexualidade e a agressividade, num furor satânico, que corresponde ao incesto e ao parricídio e que se exaure depois de explodir num episódio agudo no início da adolescência.

A escolha deste filme não quer provar nada do ponto de vista da relação do conhecimento esotérico, proveniente das reações subjetivas que incluem a fantasia, com o conhecimento objetivo proveniente da observação científica. Ambos os caminhos existem para descobrir a verdade. Proponho que não tenhamos preconceitos e elaborem os fatos e vivências como símbolos. É da elaboração que emergem e se diferenciam os componentes subjetivos e objetivos que nos mostram a realidade das coisas e das emoções.

No caso de Regan, vemos que o seu delírio psicótico (subjetivo) ocorre dentro do mito do Diabo do Catolicismo (subjetivo). Os exames neurológicos nada revelaram (objetivo). Regan estava iniciando a puberdade e sua produção de estrogênio (objetivo) estava alterando sua personalidade e despertando sua sexualidade e agressividade (subjetivo). Sua mãe não contribuiu para essa transformação, mas pelo contrário, dificultou-a (subjetivo) tornando-a reprimida ao negar sua relação amorosa com Burke (subjetivo e objetivo), sua raiva do pai e fingindo ainda amá-lo (subjetivo e objetivo). Com isso ela impede que a filha elabore sua sexualidade e agressividade.

Dois padres são chamados para o exorcismo (objetivo). Karras é jovem e vigoroso (objetivo), mas dependente de sua mãe e sexualmente reprimido (subjetivo e objetivo) e terá dificuldade em vivenciar emoções fortes (subjetivo). Sua tensão emocional e sua culpa aumentam muito, com a morte de sua mãe sozinha em casa.

Dentro da relação transferencial terapêutica (subjetivo e objetivo) do ritual católico do exorcismo (subjetivo e objetivo), os símbolos e funções estruturantes da sexualidade e da agressividade fixados na Sombra de Regan, com defesas psicopáticas e psicóticas (subjetivo e objetivo) são projetados no namorado de sua mãe e serão projetados nos dois padres (subjetivo e objetivo). Os padres atuam com objetos e orações para exorcizar repressivamente o demônio (objetivo), e o quadro se agrava. As defesas psicótica e psicopática conseguem envolver o padre Karras, que se atira (subjetivo e objetivo) e o

padre Merrin, que também fica possuído pela agressividade contra o demônio e morre possivelmente de um infarto (subjetivo e objetivo). Regan sai do surto.

As fixações matriarcais graves que provocam a defesa dissociativa matriarcal (histérica), neurótica, psicopática e psicótica podem apresentar quadros clínicos de curta duração que costumam sair do surto sem sequelas, o que seria o quadro de Regan. Há que se considerar que a imensa carga sexual e agressiva (subjetivo e objetivo) despejada pela sombra de Regan durante o surto, pode ter exaurido a fixação e contribuído para a remissão. Esta é uma hipótese, baseada em minha experiência clínica e no conhecimento teórico da posição insular matriarcal normal e patológica.

Uma colega perguntou sobre o processo de individuação durante as fixações. Como bem diz o nome, individuação não é um estado e sim um processo. No caso da formação de fixações e Sombra em maior ou menor grau, que todos temos, o processo continua, apesar de a Sombra paralisar a integração dos símbolos e funções que estão nela fixados. Mesmo com patologia, porém, o Arquétipo Central continua coordenando a Consciência e a Sombra em direção à autorealização. Nesse sentido, a compulsão de repetição é uma defesa formada com a ligação da função estruturante normal que, apesar de inadequada e relativamente improdutiva, atormenta o Self. Os símbolos que ela contém são necessários para a realização do potencial de autorealização do Self e, por isso, levam à compulsão de repetição.

Na aula seguinte, que será a 9ª, estudaremos a criatividade normal e patológica infantil com a lenda de Peter Pan.

Peço-lhes lerem, outra vez, sobre o quatérnio primário, Cap. 8, pp 169 a 182 da Psicologia Simbólica Junguiana.

Boa semana, um abraço a todos e até quinta-feira, dia 11.

Byington